

Modo de falar aproxima brasilienses

Linguajar local ainda está se definindo, mas já não pode ser confundido com o de outras regiões

O brasiliense não gosta de ter o seu sotaque confundido com o de nenhuma outra região do País. Embora o falar seja característico de um pequeno grupo de jovens nascidos e criados em Brasília e ainda não distinguido em outros estados, o brasiliense sente orgulho da cidade e com ela quer ser identificado. O sotaque emergente e que deverá estar consolidado somente daqui a 30 anos rejeita tanto o falar rural do goiano e mineiro, quanto os sotaques nordestinos com ênfase para os "i" e "d" e os sons abertos das vogais "e" e "o", o "s" chiado do carioca, o "r" vibrante do gaúcho ou caipira do paulista, suas melodias e expressões típicas, facilmente identificadas e ainda predominantes.

Pesquisas realizadas por professores e alunos da Universidade de Brasília, desde o início da década de 80, mostram que o sotaque do brasiliense foge da identificação rural e tradicional em busca de um falar urbano, um denominador comum com traços de prestígios e modelado pelas regiões mais ricas e industrializadas. A definição é da sócio-lingüista e professora de Língua Portuguesa da UnB, Stella Maris Bortoni, coordenadora dos estudos. Pelas pressões sociais neutralizadoras existentes, as pessoas que aqui chegam acabam se acomodando e assimilando o falar do brasiliense. O fenômeno contraria a teoria da lingüística, de que o sotaque predominante se sobrepõe, analisa o professor Djalma Cavalcante Melo.

A formação do modo de falar demora, no mínimo, 50 anos, sendo um fenômeno com constantes mudanças. Em Brasília, o processo dinâmico do falar é acompanhado pelo processo demográfico, também muito dinâmico, disse Stella Maris. Segundo ela, a tendência do brasiliense é privilegiar um falar e uma cultura cosmopolita, que não quer se identificar com nenhuma outra região e semelhante à linguagem usada pelas grandes redes de rádio e televisão. "É provável que se firme um sotaque sem marcas regionais pela existência de uma forte pressão neutralizadora do falar das pessoas que aqui chegam", disse. Um exemplo citado por ela, é o do presidente Fernando Collor, que nasceu em Alagoas, morou no Rio de Janeiro, mas passou a maior parte de sua juventude em Brasília.

A linguagem do brasiliense, acredita a professora, terá um sotaque neutro, supra-regional, sem melodia, em busca de uma identidade própria e identificado com a cultura de Brasília. "Sua formação leva vantagem por ter a cidade o sistema educacional mais desenvolvido que no resto do País. É difícil encontrar uma criança fora da escola,



onde se percebe uma pressão padronizadora com características psico-social e ideológica", acrescentou. Outro fator que contribui para a consolidação do falar brasiliense está em que 40% da população atual nasceu em Brasília.

Outra hipótese, ainda em estudos, é a de que nos locais onde predominam habitantes imigrantes do Nordeste os demais moradores assimilaram traços da região. Pesquisa realizada no ano passado com famílias cariocas residentes em Sobradinho e

Planaltina, de classe baixa, assimilaram certos traços típicos da fala nordestina. Os resultados se contrapõem aos da tese de mestrado defendida em 1985 pela professora Elizabeth Hanna (já falecida) com famílias vindas do Rio de Janeiro e da Paraíba. Esta pesquisa concluiu que os traços lingüísticos dos cariocas foram mais preservados que os dos nordestinos. "São estudos que devem ser ampliados ainda por muito tempo", disse Stella Maris. "A situação muda muito depressa", complementou.

Brasilienses tem prestígio social

Levante o dedo quem, em Brasília, nunca presenciou ou mesmo foi vítima das brincadeiras jocosas diante das pronúncias de um "s" chiado, um "r" vibrante ou caipira, os "i" e "d" contundentes ou o som aberto das vogais "e" e "o". As gozações surgem de todos os lados e os que falam "diferente", inconscientemente, acabam se acomodando e aderindo ao sotaque predominante no grupo. "O sotaque muda com a convivência e as pressões sociais e nem mesmo os pais, que desejem manter a identidade de origem, conseguem se impor aos filhos", afirma o professor de Língua Portuguesa, Djalma Cavalcante Melo.

Lecionando na Fundação Educacional do DF, o professor é testemunha das frequentes mudanças dos alunos que vêm de outros estados. Segundo ele, a cidade e a assimilação com os outros jovens são mais importantes. Em sua tese de mestrado, defendida em 1988 na Universidade de Brasília, ele estudou as atitudes lingüísticas e as variedades regionais da fala no Brasil. A pesquisa consistiu na análise, por alunos universitários e do curso supletivo "de diferentes classes culturais e econômicas", de um mesmo trecho gravado nos estados de origem por seis pessoas de sotaques diferentes.

"Enquanto o falar nordestino e do carioca foram reconhecidos por quase 100% dos pesquisados, o sotaque do brasiliense não foi identificado", disse Djalma Cavalcante. Ele acrescentou que os sotaques do paulista e do goiano foram confundidos e o do gaúcho reconhecido parcialmente. Pelo falar, os ouvintes dos textos gravados eram questionados a avaliar as condições sociais, culturais e tipo de profissão dos falantes, além de identificar seus estados de origem.

Os textos foram gravados por profissionais do sexo masculino de diferentes categorias como mecânico (RJ), deputado federal (PE), universitário (RS), locutor de rádio (SP), vendedor de loja (GO) e publicitário (DF). Apesar de não identificado, o sotaque do brasiliense foi analisado como sendo de uma pessoa de maior prestígio em relação às outras, seguido pelo falar goiano, gaúcho, paulista e carioca. O falar nordestino foi apontado como o de menor prestígio. "A avaliação permitiu o aparecimento de preconceitos e mostrou uma resistência maior ao falar rural do goiano e ao sotaque nordestino", comentou a sócio-lingüista Stella Maris Bortoni.